

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
MAYARA RANNEY SILVA

A CHINA NA ÁFRICA: INFLUÊNCIA DA CHINA SOBRE O CONTINENTE
AFRICANO E AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS DE SUSTENTABILIDADE.

RECIFE- PE
DEZEMBRO 2015

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MAYARA RANNEY SILVA

A CHINA NA ÁFRICA: INFLUÊNCIA DA CHINA SOBRE O CONTINENTE
AFRICANO E AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS DE SUSTENTABILIDADE.

Monografia desenvolvida pela aluna Mayara Ranney Silva,
orientada pelo Prof. Mestre. Mauricio Wanderley, e apresentada ao
Curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas da Instrução
Cristã, como requisito final para obtenção do grau de Bacharel.

RECIFE- PE

DEZEMBRO 2015

Silva, Mayara Ranney.

A China na África: influência da China sobre o continente africano e as transformações políticas de sustentabilidade. / Mayara Ranney Silva. – Recife: O Autor, 2016.

45 f.

Orientador(a): Prof. Me. Maurício Wanderley.

**Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã.
Trabalho de conclusão de curso, 2016.**

Inclui bibliografia.

1. Relações Internacionais. 2. China. 3. África. 4. Economia. I. Título.

**327 CDU (2.ed.)
327 CDD (22.ed.)**

**Faculdade Damas
TCC 2016-449**

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
MAYARA RANNEY SILVA

A CHINA NA ÁFRICA: INFLUÊNCIA DA CHINA SOBRE O CONTINENTE AFRICANO
E AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS DE SUSTENTABILIDADE.

MAYARA RANNEY SILVA

Monografia submetida ao Corpo Docente do Curso de Bacharelado em
Relações Interacionais da Faculdade Damas da Instituição Cristã e
_____ com _____ em
_____ de _____ 2015.

Banca Examinadora:

Orientador:
Prof. Da Faculdade Damas da Instituição Cristã

Examinador:
Faculdade Damas da Instituição Cristã

Dedico esta Monografia a minha mãe e minha avó, e exclusivamente ao meu avô que não está mais entre nós. Todo esforço e dedicação veio de vocês. Amo todos de paixão.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ter me dado paciência e perseverança de concluir este trabalho. Louvo ao nome dele por todo o empenho e dedicação que coloquei a cada segundo digitando esta monografia. Ele foi com toda certeza o meu refúgio. Em segundo momento, quero agradecer a minha mãe (Silvania) e a minha amada e doce vó (Severina), pela paciência e calma comigo nas horas difíceis, e também pelos momentos em que pensei em desistir, me dando todo apoio e sustentação para continuar confiando em minha capacidade.

Quero agradecer a meus amigos tanto da faculdade como da minha vida secular, em especial a Jefferson Amorim, que me deu toda uma base para que conseguisse compreender o assunto e trabalhasse fielmente até o fim, a Bruno Rodrigues do curso de direito, que sempre esteve ao meu lado me apoiando e acreditando no meu potencial o tempo todo sem duvidar. Américo Tenório que sempre esteve ao meu lado escutando minhas dúvidas e sempre disposto a tirá-las na maior humildade. E aos meus caros colegas de turma, que estiveram comigo esses quatro anos, sempre na esperança que todos iríamos concluir juntos o curso de Relações Internacionais.

E por último agradecer os professores que sempre me ajudaram e apoiaram o meu trabalho, em especial o meu orientador Gustavo Rocha, e aos meus professores: Pedro Gustavo e Mauricio Wanderley que sempre esteve disposto a tirar minhas dúvidas, e a todos os professores de RI em geral, até porque sem eles não teria chegado ao patamar de conhecimento que tenho hoje. Agradeço de coração a todos, tenho respeito e admiração por todos vocês.

“Transportai um punhado de terra todos os dias e
fareis uma montanha. “

Confúcio

RESUMO

Esta monografia propõe um estudo mais histórico /econômico sobre a atual situação da China no cenário contemporâneo como um global player da economia mundial. As amplas transformações estruturais decorrentes do fenômeno da globalização, ocorridos nas últimas décadas, tem gerado grande impacto sobre a economia e a geopolítica mundiais, como é o caso da transformação econômica da China. A RPC (República Popular da China) é hoje detentora da maior parte das importações de matéria primas e grande consumidora de petróleo, sendo também a maior importadora da África, que atualmente mantém um vínculo forte de “ provedor autêntico” do continente africano. Na primeira parte deste trabalho, será argumentada a expansão chinesa sobre a África, e em particular seu processo de urbanização e industrialização sobre esses continentes em troca de commodities, ao qual vem gerando críticas e elogios sob a ótica dos africanos.

A presente monografia buscara também um contexto mais abrangente sobre a atual relação sino – africana como perspectiva principal a política externa da China para a África. No entanto, todas estas características se associam a um sistema de valores e sistema político em evolução a tornar único o processo da China em ascensão, determinando também os desafios dessa integração de sustentabilidade. Nesse sentido, o trabalho busca analisar a atual política externa da China para o continente africano em seu conjunto de motivação e instrumento, apontando resultados e desafios. Todavia, este trabalho será desenvolvido para um esclarecimento assimétrico, servindo de instrumento de contribuição para o conhecimento científico do caso China e África.

PALAVRAS-CHAVES: China; economia; transformação econômica; África; desenvolvimento.

ABSTRACT

This paper proposes a more historical / economic study on the current situation of China in the contemporary scene as a global player in the world economy. The large structural changes arising from the phenomenon of globalization, in the past decades, has generated great impact on the economy and global geopolitics, such as the economic transformation of China. The PRC (China) is now holding the majority of imports of materials and great raw oil consumer, is also the largest importer of Africa, which currently holds a strong bond of " authentic provider " of Africa. In the first part of this work, it will be argued China's expansion into Africa, and in particular its process of urbanization and industrialization on these continents in exchange for commodities, which has generated criticism and praise from the perspective of Africans.

This monograph also sought a broader context of the current Sino relationship - as the main African perspective China's foreign policy towards Africa. However, all these features are associated with a system of values and political system evolving to become only China's rising process and defines the challenges that integrating sustainability. In this sense, the paper analyzes the current China's foreign policy for the African continent as a whole motivation and instrument, pointing results and challenges. However, this work will be developed for an asymmetrical clarification, serving as a contribution instrument for scientific knowledge of China and Africa case.

KEY WORDS: China; economy; economic transformation; Africa; development.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OMC: Organização Mundial do Comércio

RPC: República popular da China

EUA: Estados Unidos da América

FOCAC: Forum on China- Africa Corporation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULOS	
1. EVOLUÇÃO HISTÓRICO.....	14
1.1 CONFIGURAÇÃO SISTEMICA DA CHINA COMO POTENCIA EM ASCENSÃO	14
1.2 FUNDAMENTO DA ASCENSÃO DA CHINA NO CENÁRIO ATUAL	18
1.3 AS RELAÇÕES SINO-AFRICANAS EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO.....	22
2. COOPERAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO.....	26
2.1 O PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL ENTRE A CHINA E A ÁFRICA.	26
2.2 PROBLEMAS DA COOPERAÇÃO ENTRE A CHINA E A ÁFRICA NA EXECUÇÃO DOS PROJETOS DE INTERCÂMBIO.....	31
3. A CHINA NA ÁFRICA COMO UMA POLÍTICA DE SUSTENTABILIDADE A LONGO PRAZO	35
2.1 SUSTENTABILIDADE DA POLÍTICA CHINESA PARA A ÁFRICA.....	35
2.2 AS ALTERAÇÕES NO CENÁRIO AFRICANO	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

O Continente africano ao longo da história sofreu vários episódios de subjugação por parte de outros de outros países, mesmo sendo um continente com riquezas materiais e imateriais (VISENTINI; PAULO, 2003, P.12). Um dos fenômenos mais marcantes das Relações internacionais Contemporâneas é o fato de a África haver-se tornado objeto de uma nova corrida mundial, como no fim do século XIX. Porém, os protagonistas mais dinâmicos de tal movimento são as potências emergentes, e não mais as antigas metrópoles europeias.

A África, desde a virada do século, apresentou níveis de crescimento econômico acima da média mundial. Como reação, começou a surgir produções acadêmicas e jornalísticas que acusavam os emergentes de “novos imperialistas”, os quais promoviam uma nova partilha da África”. Com o fim da Guerra Fria, o desengajamento das potências e abandono de grandes quantidades de armamento nas mãos de governos débeis, representou o desinteresse das grandes potências no continente africano, fazendo com que os ocidentais se voltassem para a Ásia, sem dar a devida atenção a crescente presença chinesa no continente africano (2014; P. 44).

Desde a década de 1998, quando se tornou membro do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio, a China começou a atuar mais ativamente no cenário internacional. Em pouco tempo, a China passou a expandir seus negócios para além de suas fronteiras e virou o destino de grande parte dos investimentos internacionais. Para que o crescimento chinês continuasse no ritmo que se segue até então, são necessárias fontes de recursos, sobretudo os energéticos. E, dado que não se encontram tais recursos em quantidades suficientes no território chinês, era preciso que a China encontrasse um parceiro estrangeiro que os pudesse fornecer. Nesse contexto insere-se a África, continente rico em recursos naturais, reservas de petróleo e gás natural, contudo, mais confiável como fornecedor que o Oriente Médio.

A aproximação da China com a África não é novidade, mas remonta à década de 1950, como parte do interesse chinês de levar a outros países seu modelo de comunismo e de formar uma barreira ao ocidente imperialista (LYMAN IN DINIZ; 2005 p. 8). Os

chineses agiam estritamente movidos pelo princípio básico da não intervenção, que se caracteriza por uma tônica dos cinco princípios da coexistência pacífica, e, dessa maneira, não impunham condições aos Estados africanos, ao contrário do que faziam os ocidentais, os quais interferiram nos governos, exigiram a adoção de padrão democrático, seu estilo de vida ocidental e o respeito às normas de direitos humanos.

Ao longo dos anos, a parceira sino- africana foi se estendendo para além da esfera diplomática e ideológica e aprofundaram-se as relações comerciais existentes, bem como suas relações políticas, econômicas e militares. As Relações políticas e econômicas sino – africanas cresceram, excepcionalmente nas últimas décadas, através de um crescente fluxo de comércio bilateral, investimento em projetos e assistência ao desenvolvimento.

O presente trabalho torna-se relevante, pelo fato da China ser um tema de cunho importante para estudiosos do cenário econômico e político internacional contemporâneo. A Atual política da China sobre a comunidade internacional nos faz refletir sobre o futuro desta nação, frente às atuais potências hegemônicas no que condiz as suas condições sociais, econômica, política e humanitária. Podemos observar a liderança chinesa em diversos países, utilizando-se do fenômeno da integração e cooperação internacional bilateral, a China vem ganhando espaço e literaturas no mundo acadêmico por sua postura soberana, analisando que a mesma ante do pós-guerra era um país neutro no cenário mundial, onde, a parti da década de 80, começou a se reestruturar e garantir seu lugar como global player mundial.

É importante ressaltar que os processos de descolonização ocorridos na África e em parte da Ásia não alterou a realidade vivida pelo cotidiano das antigas potências coloniais, todavia, a China assim como as ex – potências coloniais também continuam precisando de matérias primas, mercados para seus produtos industrializados ou agrícolas, fontes de combustíveis e etc. Por sua vez, a pouca capacidade de se colocar os processos de cooperação em ação, processos esses caracterizados pelos países sul-sul nos espaços econômicos que mantinham durante o regime colonial.

Trazendo essa realidade das ex – potências a situação atual do bom uso das políticas de cooperação e boa relação com seus vizinhos, juntando ao fortalecimento da política externa dos dois países voltadas aos interesses nacionais e barganha desses

interesses, percebemos um alto fluxo do comércio entre a China e a África, no qual registram altas taxas de crescimento desde 2000. Os investimentos chineses no continente se mostram expressivos, indicando a força das políticas de sustentabilidades sino- africanas, que deixa os aspectos ideológicos e volta-se para o intercâmbio comercial e realização de investimentos, sobretudo no setor de bens primários.

Todavia, este trabalho foi desenvolvido para um esclarecimento assimétrico, servindo de instrumento analítico de contribuição para o conhecimento científico do caso China e África, que tem se tornado um assunto importante na pauta política externa de ambos os países principalmente da chinesa. Dado o teor do assunto, são poucos os estudos a acerca da situação da China com a África, e discussão desse contexto no próprio país.

1. EVOLUÇÃO HISTÓRICA

1.1 CONFIGURAÇÃO SISTÊMICA DA CHINA COMO POTÊNCIA EM ASCENSÃO

A China é tida como uma das mais antigas civilizações do mundo, a terceira maior em território, ocupando uma parte considerável da Ásia, e vem se posicionando novamente como um importante agente político e econômico mundial. Aspirante a superpotência, traz no seu contexto histórico o título de “a mais avançada civilização do mundo”, em que dadas tais características, temos um evidente paralelo entre o desenvolvimento de uma nação e a sua capacidade de exercer poder sobre as demais, assim é colocada a China no seu processo histórico de ascensão e queda do seu império. Se analisarmos a história da civilização chinesa, com os aparatos e características de uma grande potência nos dias atuais, veremos que a China nos dias atuais seria uma nação imperialista, de fato, uma grande potência e se manteria como tal.

A história da sociedade chinesa impressiona não apenas por sua longevidade, mas também pela grandeza econômica e política ao longo do tempo, especialmente quando comparada a evolução de outras civilizações. John King Fairbank (2006) considerava a civilização chinesa superior a outras grandes civilizações, por apresentar uma organização social e política que manteve coesa os homens, por muito mais tempo, e uma forma de governo que antes da adoção do modelo republicano, poderia ter sido considerado o IDEAL aos filósofos, nas palavras de Durant, filósofo e historiador norte-americano. Além de ter sido a maior economia do mundo por uma parte da história, a China detinha no século XV a maior renda *per capita* do mundo, e liderança em termos de inovação, e até o começo do século XIX, o país detinha cerca de 30% do produto mundial.

Da Ascensão ao declínio drástico do imperialismo chinês, frente à transformação das novas estruturas econômicas e produtivas no cenário internacional, inverte-se os papéis na economia mundial, em que a Europa, ascendendo com o declínio da China junto a explosão da Revolução Industrial, com sua acelerada mudança tecnológica, na qual, a grande potência asiática perde sua vitalidade, se estagna e se subjugar-se a um continente europeu que se desenvolveu tão tardiamente.

No entanto, a Revolução industrial não foi o único motivo do declínio do império chinês. Antes, as convulsões e conflitos internos, causados pela dinastia Ming, fez com que a China sofresse uma fragilização internacional por razões domésticas não materiais, frente à Europa, e a própria dissolução do seu sistema dinástico. Essa fragilidade leva a potência desenvolvida a uma decadência por quatro séculos seguidos, se tornando uma nação pobre do ponto de vista econômico, atrasada no ponto de vista social e instável no ponto de vista político. Muitos estudiosos acreditam que, se houvesse no período da dinastia Song (969-1279), motivação econômica suficiente, a China poderia ter levado adiante uma ampla expansão marítima, o que conseqüentemente levaria a colonização da América pelos chineses, e não pelos europeus.

O enigma desse declínio chinês é tratado de forma coesa por todos eles, não tentam ser tão específicos e acreditam que há varias possibilidade, combinando elementos da organização sócio- econômica e valores prevalectes da elite política, sem estabelecer uma realidade clara entre esses dois fatores. Porém, no contexto que se segue, é nítida a causa do declínio, com a necessidade que se teve de se utilizar a imensa mão de obra disponível no país, quanto ao fechamento da China à utilização de maquinas e incorporação prática dos avanços tecnológicos de maneira geral, o que era típico da Revolução industrial que permitiu o salto europeu. A impetuosidade de não incorporar a modernização e mecanização em uma sociedade que, privilegiava o labor físico humano, era de se esperar a retardação do processo econômico em um cenário de industrialização e modernização, com aumento exponencial de produção. A China se mantinha ainda agraria em seu sistema econômico de manufaturas.

A China tornou-se um Estado que a sobrevivência do sistema tradicionalista com o pensamento voltado para a manutenção do clássico, era mais forte do que a integração de novas ideias e contextos em suas estruturas. Não havia, no entanto, uma classe burguesa comercial preocupada com os lucros, porque a elite chinesa se recompensava com a terra e o Estado, em vez de colocar sua fé no comercio e nos mercados. Em boa medida, toda essa compreensão é entendida também através do viés religioso e cultural, com o desprezo confuciano aos lucros e empreendimentos privados individualistas, o confucionismo pregava a modernização do país sob a desvalorização do mercado e do comercio, que para os confucianos; aqueles que não fizessem circular seus bens apenas pelo interesse dos lucros, assim não o faziam circular de maneira certa.

O Regime autocrático da China também é um fator a ser mencionado, cultuado pelo patriotismo e tradicional, fez com que essa rigidez autocrática degenerasse em uma paralisia política, indo em contramão com a história, uma vez que esse regime político se contradiz com a afirmação do nacionalismo chinês, fragilizada em sua capacidade de liderar justamente no período em que era essencial a liderança e o bom governo. Essa rigidez acarretou em uma paralisia política, que fez a contramão da China na história, o que impediu qualquer esforço de modernização como ocorria em outras nações. Junto ao tradicionalismo, se combina outro elemento estrutural que é o tamanho da população chinesa, detentora de valores e tradições de uma dinastia conservadora política Qing (1644-1912), explicando assim em segundo plano o declínio. Fairbank analisa esse declínio combinando o elemento estrutural com o tamanho da população chinesa, com traços e valores políticos.

Diamond em contrapartida a Fairbank (1999), segue sua ideologia por um âmbito geográfico, acreditando que o declínio chinês é inexplicável, e não se deve utilizar-se apenas das questões políticas estruturais. Ele argumenta que a China dispunha de vantagens imensas frente a outras regiões, e menciona a questão da agricultura e o cultivo agrícola de modo intensivo a 10 mil anos sem interrupção, território amplo e produtivo, capaz de alimentar todo seu território sem muitas preocupações, e um meio ambiente menos frágil ecologicamente. Segundo Diamond, essas vantagens fizeram da China uma grande potência em meados do século XV, mais foi de desintegrando pela centralização política precoce e sem estrutura, o que desestimulou a competição interna entre as regiões e a utilização dos seus avanços fora da fronteira do Estado.

“Geographic connectedness and only modest internal barriers gave China an initial advantage. (...) But China’s connectedness eventually became a disadvantage, because a decision by one despot could and repeatedly did halt innovation. In contrast, Europe’s geographic balkanization resulted in dozens of hundreds of independent, competing statelets and centers of innovation.”(1999).

Entretanto, Paul Kennedy (1988) segue na mesma linha que Diamond (1999), identificando no território, na política e na religião impedimentos para as inovações. Para ele, os impérios orientais se concentraram em uma formalidade de crenças e práticas, não somente na religião e no culto oficial do país, sobretudo, também na comercialização apenas de armas, beneficiando a corrida armamentista dos Estados, que a Europa iniciou. A religião desenvolve um grande entrave exposto pelo mandarinato confuciano, que desestimulou a indústria e

disseminou desconfiança no comércio, desestimulando a aplicação das práticas inovadoras dos seus avanços.

1.2 FUNDAMENTOS DA ASCENSÃO DA CHINA NO CENÁRIO ATUAL

A fim de avaliar os fatores que levam a caracterização da China como uma grande potência, é necessária fazer um exame minucioso dos fatores de sucesso que levaram ela fazer o papel de grande potência no cenário internacional atual. Paul Kennedy é o historiador que se debruça nos fatores históricos, e faz uma relação entre a economia da China e do seu desenvolvimento sobre o julgo do aparato militar e político.

Não foram modelos e regimes políticos específicos nem formas particulares de organização social que permitiram a ascensão dos Estados – houve de tudo um pouco, no que se refere a orientação política e a estrutura social dos países que se diferenciaram, mas sim a relação entre o âmbito econômico e o militar, a capacidade de desenvolvimento econômico e tecnológico de um Estado [...]. (Kennedy, 1988, pag. 53).

Kennedy faz uma hipótese natural entre as casualidades e os nexos históricos com as mudanças ocorridas ao longo do tempo sobre o contexto de produção econômica e variações militar e política no sistema global.

Kennedy in Carvalho (2012), afirma que: “após analisar processo de ascensão e declínio de grandes potências, Kennedy chega à conclusão de que as principais mudanças no equilíbrio político militar no mundo seguiram-se alterações no equilíbrio da estrutura econômica de produção [...] em que a vitória sempre coube ao lado que dispunha de maiores e melhores recursos naturais.”

A China, caminha seguindo hipótese colocada por Kennedy, pelo fato de que para se firmar o título de superpotência, é necessário passar por um intervalo entre a conjuntura de sua projeção econômica e à amplificação de sua influência militar/ territorial. Até porque, é natural que tal processo seja pré-condição a se chegar no militar. No entanto, o que é importante afirma é a velocidade com que um país se desenvolve do ponto de vista econômico e tecnológico, sendo a China ainda um país considerado terceiro mundo ou é um país que perfaz o perfil sul de países que estão em desenvolvimento. Consequentemente, se altera a posição e o papel da China na divisão internacional do trabalho.

Como Kennedy (1988, pag. 197) afirma os pesos relativos entre as nações mais poderosas nunca se mantêm estáveis, principalmente pelo diferencial de taxas de crescimento

econômico e de inovação organizacional e tecnológica, que favorece determinadas sociedades em detrimento de outras.

A capacidade de inovação tecnológica e de produção econômica tornou-se, ao longo da história, componente vital de demonstração de poder de uma nação. Uma nação poderosa manterá um poder militar a seu nível econômico, o que podemos perceber no plano estratégico de crescimento chinês. A China hoje é a segunda maior potência econômica do mundo, e a segunda também em poderio militar, ficando atrás, apenas dos EUA, acreditando que seja por pouco tempo, pois, a previsão é que a China se iguale aos Estados Unidos brevemente. O Triunfo de uma grande nação e o colapso de outra, é representada pelo uso eficiente de seus recursos produtivo.

A eficiência econômica e a construção de uma base militar hostil foram se combinando ao longo da história como fatores de afirmação de uma potência. Contudo, esse exame parece muito relevante a análise do caso da China, que engloba uma série de fatores que demonstram sua ascensão a potência, sendo esses aspectos as características populacional e territorial, capacidade de organizar sua política moral e nacional, e que na cena internacional, constituem aliança que influencia no seu status de potência. (CARVALHO, 2012).

A China conta com proporções gigantescas quando aos seus recursos físicos e humanos, e também o seu desenvolvimento econômico nas últimas décadas. Extensão territorial e tamanho da população não é dificuldade para a república popular da China que conta com 9.596.961 km de extensão do seu território. A escola realista faz valorização de elementos tradicionais que compõe o poder de um Estado – dimensão e localização do território, disponibilidade de recursos, tamanho e formação da população, contando com seu desenvolvimento econômico e poderio militar. (KENNEDY, pg. 157 a 202).

A Republica popular da China, com seus vastos recursos territoriais, possui o terceiro maior território do mundo, e, sobretudo, populacionais – a maior população do planeta –, parecia assim, ao menos em teoria [...] uma forte candidata ao status de “grande potência”. (Lyrio, 2012).

Os Fundamentos materiais que também devem ser colocados em pautas é o status da economia chinesa e suas perspectivas de continuidade do seu rápido crescimento econômico. Outras três questões é alvo dos estudiosos como o progresso científico e tecnológico, o acesso a energias e matérias primas, e a preservação do meio ambiente. As últimas décadas

revelaram o enorme potencial de produção e crescimento na China, se tornando o maior centro de manufatureiros do mundo.

Arthur Kroebe apud Carvalho (2012), economista especializado em China, afirma que, se houve momentos ruins na economia chinesa, foi porque houve instabilidade política doméstica ou crise externa econômica. “ O crescimento chinês tem se baseado fundamentalmente na utilização extensiva de fatores subutilizados, mais do que em ganhos de produtividade de fatores já devidamente incorporados a economia formal”. (CARVALHO, 2012).

A transferência de pessoas da cidade para o campo, deixando a agricultura para trabalhar nas indústrias, fomentando assim, a utilização de uma mão de obra disponível para a economia chinesa, cria uma tendência de crescimento por meio da utilização dos fatores com baixa produtividade, que poderá se perpetuar por várias décadas, caso seja mantida a estabilidade política e social. O *The Economist*, coloca em uma de suas edições que o ponto positivo da economia chinesa é a mão de obra barata e qualificada.

Chinese manufactures have access to an almost unlimited supply of cheap labour. By some estimates, there are almost 200m underemployed workers in rural areas that could move into industry. This surplus labour may take least two decades to absorb, helping to hold down wages for low-skilled workers [...] (The Economist, 2 de outubro de 2014).

Entretanto, não se pode só considerar o ritmo de produção abundante da China para se explicar seu nível de crescimento acelerado, pois há vários outros países que mantem mão de obra barata e insumos baratos, como a África e Índia, e não mantem uma taxa de crescimento alta e acelerada quanto as da República chinesa. O nível de escolaridade das pessoas, umas boas infraestruturas sociais, de comunicação e transportes, também contribuem com o salto chinês. Ou seja, a educação torna-se fator fundamental, entre a China e os seus vizinhos do cone sul. Um exemplo é que a escolarização de crianças e adultos chegou a 96% em 1976, enquanto na Índia apenas 36% da população era alfabetizada.

O rápido crescimento econômico na China das últimas décadas decorreu do advento de um quadro de estabilidade política proporcionado pela ascensão de Deng Xiaoping, que acarretou em acertos das reformas econômicas por ele implantada. (CARVALHO, 2012, pag. 42). As reformas implantadas a parti de 1978, basearam-se em um modelo de gradualismo

onde, segundo um professor chinês citado no livro de Carvalho, Wei- Wei Zhang, o gradualismo das reformas seguiram oito princípios norteadores.

O primeiro princípio foi a maior atenção a aspiração da população; o segundo foi o pragmatismo de Deng em busca das verdades a parti dos fatos; a terceira se baseia na recusa de formas genéricas a atenção as condições locais; a experimentação em pequenas escalas; o gradualismo com aplicação de soluções locais antes do uso de outros contextos; entre outros, e o mais importante dos princípios foi a aprendizagem seletiva de experiências estrangeiras com base na longa tradição chinesa, comparando a experiência chinesa com a de outros países.

A China não se diferencia de outras potências em seu processo de desenvolvimento. A exemplo da Inglaterra no século XIX, que em decorrências de suas transformações internas, acarretou um sistema de mudanças, principalmente em produção com a Revolução Industrial, agravamento da desigualdade econômica e social, assim como a China está enfrentando atualmente, porém, não impediram sua capacidade de ascensão econômica no país a época.

Da mesma maneira que a Inglaterra não deixou de ascender como potência no século XIX apesar da poluição londrina ou das condições aviltantes de trabalho a que se submetia grande parcela da população do país, tampouco parece provável que a China pare de crescer por dificuldades relacionadas a fatores estritamente materiais. Ajustará sim o ritmo de crescimento aos gargalos tecnológicos, energéticos e ambientais que se mostrarem inibidores do desenvolvimento. (KENNEDY, 1988, pag. 454).

Não há dúvidas ao fato de que o país reúne condições favoráveis a ascensão como grande potência – território amplo, população vasta e laboriosa, importante legado civilizacional, capacidade de crescimento econômico, ausência de graves cisões culturais, raciais e religiosas. O que talvez impeça a capacidade de desenvolvimento da China é a recorrente instabilidade política no país desde a dinastia Qing(1644-1912).

1.3 AS RELAÇÕES SINO-AFRICANAS EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Desde 1980, a RPC (República Popular da China), vem aderindo uma política externa menos ideológica e confrontacionais, se tornando mais autoconfiante, aderindo a engajamentos com organizações internacionais, como a OMC (Organização Mundial do Comercio), adaptando-se a regras e procedimentos. Ao mesmo tempo, a China vem intensificando, progressivamente, suas relações com os países de maior peso internacional, aumentando os intercâmbios com seus vizinhos asiáticos e abrindo novas frentes de relacionamentos em regiões como a África [...]. (MENEZES, Gustavo, 2013, pag. 40).

Nesse contexto, pode-se observar atualmente, uma maior atuação e uma política ativa chinesa para o continente africano, dando oportunidades de abertura do comercio, investimentos maciços, e aos processos de intensificação de relacionamentos políticos. A China hoje tem papel de influência na comunidade internacional, e as novas configurações de poder a parti de sua ascensão como nova potência econômica. No entanto, a prioridade da política externa chinesa é promover o desenvolvimento econômico, e manutenção da paz e estabilidade social no seu país.

A política externa da China é pautada no discurso construído desde 1980, apresentando uma “ política independente externa de paz”, tomando por base os cinco princípios da coexistência pacífica.

Como parte da formulação de caráter “ independente” de sua política externa, a China prega a oposição a qualquer forma de hegemonia. (MENEZES, 2011.)

Em Vista desses princípios, a sua política externa se reflete na preservação da paz mundial e a busca de solução de disputas e conflitos por meios pacifistas, sem utilizar-se do uso da força. Também é importante e utilizado de fato pela China, o princípio de não interferência em assuntos internos dos países sobre qualquer pretexto. Contudo, os dirigentes da RPC defendem que a China não busca impor seu sistema social e ideológico para outros Estados, e nem permite que outros países lhe imponha os mesmos. A RPC busca uma política pautada sobre o prisma da manutenção e promoção da paz no sistema internacional.

Diante dessa realidade, a China busca executar seus planos de desenvolvimento e expansão econômica junto aos países de mesmo perfil, ou seja, aqueles que também estão em desenvolvimento, entretanto, buscando um “ desenvolvimento pacífico” e uma “sociedade internacional harmoniosa”. A política externa chinesa, tenta evitar assim, qualquer alusão a políticas de competição, inclusive no campo militar com as potências hegemônicas.

É nesse contexto de desenvolvimento pacífico, que a China vem construindo uma diplomacia ativa com o continente africano, traçando planos e metas para que ambos os países saiam em vantagem com a intensificação de cooperação entre os dois. A China busca se posicionar como uma liderança de prestígio e força entre os seus vizinhos, e ao mesmo tempo afastar a influência das grandes potências da região, sobretudo os EUA.

As relações contemporâneas entre China e África, com seu expressivo dinamismo político, econômico e comercial, inserem-se no contexto da expansão chinesa externa para além das esferas regionais asiáticas, e das relações com as grandes potências [...]. (LANTEIGNE,2009, pag. 148). O continente africano sofreu ao longo de sua história vários episódios de subjugação por parte de outros países, mesmo sendo um continente com riquezas materiais e imateriais.

Esse movimento de diplomacia mais amplo da China tem motivações internas, de interesses nacionais do país, em busca de recursos naturais para o desenvolvimento de suas indústrias de base. Tendo em vista que, no cenário político e econômico mundial, o continente africano é tratado desigualmente.

A política externa da China para a África se desenvolve sem perder de vista um dos princípios objetivos concretos de governo, que é o contínuo desenvolvimento econômico e social do país. As relações entre o país asiático e o continente africano, são, portanto, marcadas pelo lado chinês com forte pragmatismo. (MENEZES, 2013. Pag. 61-62).

No processo de cooperação entre o território chinês e a África, a parte africana constitui a mais forte, na qual “ colabora” com o fornecimento de matérias primas e energias para a China. Porém, o lado chinês, oferece produtos manufaturados a preços competitivos de mercados consumidores, que se segue em expansão com o processo de integração sino. Essa é a caracterização das relações econômicas, política e social entre os dois países. A construção de uma base internacional de fornecedores desta *commodities* constitui possivelmente a face mais visível da internacionalização das firmas chinesas e amplas iniciativas do governo chinês nas relações internacionais. (MEDEIROS, 2009).

Em relação ao petróleo, seus maiores fornecedores encontram-se no Oriente Médio, África (especialmente Angola, Sudão, África do Sul e Moçambique) (...) A questão central do abastecimento de petróleo não se limita ao estabelecimento de contratos estáveis e investimentos na sua infraestrutura, o que caracteriza a crescente presença da China na África (MEDEIROS, 2009, pag. 215).

O interesse da China em recursos naturais para manter suas indústrias em desenvolvimento, particularmente na Ásia Central, fez com que o governo chinês se voltasse para os países em desenvolvimento, especialmente para a África, na qual, em 2007, possuía aproximadamente 10% das reservas de petróleo mundiais. (VISENTINI, Paulo, 2014, pag. 45). Diante dessa realidade, Sudão e Angola, ultrapassou em 2000 a Arábia Saudita como maior fornecedor de petróleo para Pequim, se tornando assim, os parceiros africanos mais importantes em termos de recursos energéticos.

Ao adquirirem um sentido pragmático, abandonando o cunho político- ideológico dos anos de 1960 e 1970, as relações entre China e África se revitalizaram, proporcionando novas oportunidades e benefícios para as partes. (MENEZES, 2013). No final da década de 1990, com o estímulo de internacionalização de grandes empresas, a China encontrou no mercado africano oportunidade de negócios significativos, muitas vezes desconsideradas por empresas dos países desenvolvidos. Um exemplo é o ramo de comércio predial com as construtoras.

A presença da China na África – ajuda, comércio, investimento – tem alterado a geopolítica do continente, envolvendo um amplo conjunto de iniciativas diplomáticas, acordos comerciais – em geral de livre comércio – e substancial elevação dos investimentos. (MEDEIROS, 2009. Pag. 217). A China investiu mais de 5 bilhões de dólares, desde 2006 em assistência para a África. (World Socialist web site, 2006). O que conseqüentemente faz surgir várias áreas de livres comércio e zonas espaciais entre os dois países. Essas zonas espaciais econômicas, são implantadas indústrias nos regimes de *Joint Ventures*, e os investimentos apresenta uma tentativa de reproduzir o modelo chinês de desenvolvimento.

Dessa forma, boa parte dos investimentos chinês é focado na construção ou reconstrução da infraestrutura dos países, gerando milhares de empregos para a população africana, embora a China empregue, muitas vezes, a sua própria mão de obra, reduzindo custos e permitindo operar uma taxa de lucro mínima de 3% [...] (BRAUTIGAN apud VISENTINI, 2009, pag. 247).

Contudo, em termos político, a interação sino- africana traz benefícios significativos, tanto para a África, quanto para a China, pois, o apoio chinês agrega para os africanos, um parceiro forte na busca de maior participação no cenário econômico/ político internacional,

Além do que, a China como membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas, os países africanos não se sentem mais abandonados, pois há um aliado contra qualquer intervenção desfavoráveis contra as iniciativas africanos pelos Ocidentais.

Em suma, a presente participação chinesa na África não significa inexistência de interesses entre as partes, pois não existe uma política sem interesse. O modelo de política e desenvolvimento da China ainda se apresenta de forma enigmática e fundamentação pronta. O terceiro mundo hoje é a peça-chave na estratégia chinesa de alteração da ordem mundial.

A China ainda é uma nação em desenvolvimento, mesmo sendo membro permanente do CSNU[...] (VISENTINI, 2009, pag. 48). A China se tornou uma potência industrial, mas não uma superpotência, e segue sendo um país em desenvolvimento, o faz muita diferença para a África, se comparada com a Europa ou os Estados Unidos. A valorização do espaço do espaço africano altera o equilíbrio de poder mundial.

2. COOPERAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO

2.1 O PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL ENTRE A CHINA E A ÁFRICA.

O Desenvolvimento no processo de cooperação consiste em gerar, agregar valor ao país beneficiário, aplicar novas políticas, conhecimentos e inovar com os novos processos tecnológicos e mecanismos de acessos à informação. Nessa perspectiva, temos o processo de cooperação entre a China e África no cenário atual, na qual pode se fazer uma análise sobre a questão de desenvolvimento como fonte de cooperação entre ambos os lados envolvidos.

A China hoje, apesar de ser uma potência econômica e política, ainda é um país em desenvolvimento. É, aliás, o principal país emergente, seguindo como aspirante a principal potência mundial, estando como a segunda maior economia do mundo (seu PIB poderá em breve ultrapassar o PIB norte-americano e japonês, desde que o crescimento relativo apresentado nos últimos anos se mantenha, mesmo que haja uma diminuição), e importadora da maior parte de matérias primas usadas em sua economia, incluso de petróleo e seus derivados. Atualmente, a China é o maior provedor do continente africano¹, mantendo um vínculo forte com continente, no qual assinou inúmeros tratados de cooperação que veem dando resultado para o desenvolvimento e ascensão da África no cenário político internacional. (LYRIO, 2010).

A África tradicionalmente foi um continente excluído por todos do cenário econômico mundial, sendo até condenado como “o continente sem esperanças”, e que nunca conseguiria sair de sua situação de extrema miséria, por ser ainda um país colonizado há muitos anos. Porém, de 1890 até os dias atuais, a situação do continente africano tem melhorado, havendo um aumento significativo de sua economia, graças à cooperação econômica, social e técnica com a China, servindo como instrumento de desenvolvimento. (Revista de agronegócio da FGV, edição de fevereiro de 2012).

A cooperação internacional é pautada pelo sinônimo da cooperação convencional entre as vertentes NORTE/SUL, tendo os países desenvolvidos o monopólio do uso desse instrumento. Foram seis décadas seguidas até se perceber as limitações dessa atuação, onde, a

¹Atualmente é nítida a presença chinesa no continente africano por conta de matérias primas. Informação tirada da revista de agronegócios da FGV de fevereiro de 2012.

solidariedade como “ ajuda” e “ assistência “ eram ineficazes para o desenvolvimento dos beneficiários que estavam em processo de desenvolvimento, ficando claro que, o progresso social e econômico dos países não seria obtida por meio de uma cooperação superficial de assistência técnica e ajuda humanitária, era preciso que permitisse ao beneficiário, capacidades humanas e mudanças significativas que causassem impactos sobre os índices de qualidade de vida e desenvolvimento humano da sociedade do país beneficiário da cooperação. (CORRÊA, 2010. pág. 47).

Nesse contexto, Corrêa (2010, pag. 52 a 53), analisar a história da cooperação entre China e África, em que a cooperação SUL/SUL foi o elemento motivador para o aprofundamento dos diálogos entre eles. No início da cooperação, a China ainda se encontrava no patamar de desenvolvimento que se encontra hoje, sendo um país em complicada situação econômica, especialmente devido à queda da URSS. A partir de 1900, a China começa a expandir sua economia de modo acelerado, se tornando um verdadeiro global player, utilizando principalmente a cooperação com os países em desenvolvimento para se desenvolver e competir com as lideranças hegemônicas do cenário mundial².

Nas últimas décadas, percebe-se uma atividade sem precedentes da China, que consegue afastar antigos colonizadores do continente africano, sendo eles os britânicos, franceses e americanos. A presença chinesa se deu inicialmente na África pela escassez de recursos naturais e energéticos, para que assim pudesse continuar com o seu ritmo de crescimento acelerado, tendo em vista que seu parque industrial precisa dessa manobra para sobreviver na economia internacional. Era preciso encontrar parceiros que conseguissem manter o fornecimento desses bens em quantidades suficientes, aquilo que era mais escasso na economia chinesa.

No entanto, é desse contexto que surge às primeiras relações comerciais com a África, um continente rico em recursos naturais, com grandes reservas de petróleo e gás, entre outros itens importantes para a indústria chinesa. É importante ressaltar que as primeiras ligações entre os países foram meramente diplomáticas, onde a China tentava impor seu modelo político comunista e o não reconhecimento de Taiwan como território da China continental. Entretanto, nesse período do *boom* da economia chinesa, as relações com o continente africano começaram a tomar corpo a partir da ampliação do comércio entre as partes. Porém, é desse período que surgem os primeiros investimentos chineses no continente africano, ao qual podemos identificar como o primeiro protótipo de cooperação para desenvolvimento.

²A China se beneficiou muito dos EUA e da Europa como mercados consumidores de seus produtos.

Onde, a China começa a direcionar investimentos aos países africanos para obras de infraestruturas e o oferecimento de bolsas de estudos para alunos originários de seus parceiros africanos. (VALADÃO, 2009, pag. 43).

De acordo com Corrêa (2010), o resultado é a função da cooperação internacional em promover o desenvolvimento, só sendo legítima e coerente quando seus parceiros viabilizam a transferência ou compartilhamento de investimento e conhecimento, permitindo ao país beneficiário uma eficiente estratégia de capacidade humana e institucional. Essa relação SUL/SUL entre eles, tendo em vista que a China é só uma potência econômica, não chega a ser um país desenvolvido pleno, pelo fato de que seu contexto social ainda é defasado, não havendo políticas de medidas de inclusão social, que viabilizem o bem-estar da sociedade.

Corrêa (2010), ainda complementa que a cooperação internacional, seja ela bilateral ou multilateral, deve atuar nas bases que ainda não tiveram apoio e nem planejamento de políticas públicas, devendo atuar nessas áreas não atingidas, promovendo internalização de bens de conhecimento econômico e social, mandando investimentos, tecnologia e inovação, promovendo uma política desenvolvimentista no beneficiário, podendo observar claramente esse pressupostos na China, onde, tenta promover o desenvolvimento da África através de fluxos de investimentos, no qual fez a economia do continente africano aumentar em 6%, além de apresentar 2,7% no setor produtivo.

Obviamente, esse mecanismo de auxílio financeiro implica na exportação de recursos naturais para a China, ou na importação dos produtos chineses ao continente, tendo como base a expansão de seus mercados. Ao longo das últimas décadas, a China se torna o principal parceiro fornecedor de manufaturas do continente, atingindo quase 20% do total das importações do continente (VISENTINI,2014, pag. 55).

Graças a essa cooperação positiva entre eles, os países africanos vêm tendo uma maior atuação de fluxos comerciais no resto do mundo. Os chineses atuam movidos pelo princípio da não- intervenção, como foi mencionado no primeiro capítulo por Menezes (2013), e, dessa maneira, não impunham condições aos Estados africanos. Essa parceria de cooperação sino- africana foi se estendendo para além das relações comerciais com o passar do tempo, abrangendo também as relações tanto política, social e militar. Essa cooperação não é desinteressante, no entanto, gera benefícios tanto para a África como para a China, ambos os lados se fortalecem e criaram mecanismos de crescimentos nas suas políticas.

Tanto Visentini (2014) como Menezes (2013), afirma que a China quer apoio nas instituições internacionais a fim de criar uma nova ordem internacional, e a África quer os investimentos externos para dar uma alavancada na sua situação. Os países africanos e a China possuem um programa de cooperação China-África, no qual consta a afirmação que os países envolvidos possuem um objetivo comum de manutenção de paz e de desenvolvimento, afirmando a China nesse documento que existe uma desigualdade dos benefícios provenientes da relação entre os países ricos e os em desenvolvimento, chegando esse programa ampliar a cooperação entre a China e a África, a fim de que se resolvam os problemas dessa desigualdade passada pelos colonizadores que ali se mantiveram por décadas.(MARTINS, 2013).

A cooperação SUL/SUL, veio quebrar os paradigmas e o monopólio dos países doadores em relação ao estabelecimento de conceitos e práticas, que regiam os rumos da cooperação internacional desde 1945, logo após o fim da II Guerra Mundial. Em tese, a teoria desse novo contexto de cooperação, surgindo a partir da emergência dos países cada vez mais integrados e globalizados, se fundamenta no intercâmbio de experiências de desenvolvimentos concebidas e testadas em um ambiente de carência de infraestrutura, como é o caso dos países africanos, e de outras condições básicas para o desenvolvimento do país que está em posição de beneficiário. Abre-se um leque de discussões, não disponível antes com os países desenvolvidos, tendo uma maior efetivação de mudanças sociais e econômicas, tendo em vista a proximidade dessas realidades compartilhada entre os países. Vê-se o desenvolvimento mais concreto nessa vertente, do que em muitas experiências de cooperação tradicional NORTE/SUL.

O Império do Meio é atualmente o maior provedor para o continente africano, intensificando seus projetos de engenharia e mineração, levando como paradigma de base o Fórum de Cooperação China- África, que tem como princípios: (1) o respeito mútuo acerca da soberania e integridade territorial. (2) não agressão mútua. (3) não intervenção aos assuntos internos. (4) igualdade e benefício mútuo. (5) coexistência pacífica. (MENEZES, 2013).

Com base nesses princípios a China vem se infiltrando, usando do discurso em que há relações culturais, sociais e políticas, crendo que os dois países compartilham da mesma concepção de direitos humanos e intervenção humanitária, para explorar os recursos naturais

africanos e se beneficiando fortemente do petróleo nigeriano, onde atualmente tem uma relação intensa, ameaçando os laços brasileiros com a Nigéria.

No passado esse posto era do Brasil, o provedor e mais intenso exportador de petróleo mesmo quando houve a queda do petróleo na década de 70. A relação bilateral de Brasil e Nigéria era tão significativa que apontavam como um exemplo de cooperação Sul – Sul. (FUNAG, 2011).

A China vem usando de suas próprias estratégias nos países sul-africanos, acreditando os africanos que essa parceria com o governo chinês é boa, sendo 68% da população defendendo e aceitando as ideias chinesas, os outros 32% não aceitam e criticam essa relação. No entanto, com todo esse processo de uma suposta ‘‘ colonização’’, o governo chinês propõe iniciativas sociais que promove emprego e renda para os países lusos que sofrem com o risco comercial e econômico.

Contudo, o Brasil tem seu lugar garantido quanto à questão do petróleo e minério, forte parceiro comercial é a Angola e a Nigéria. Enquanto a China vem se expandindo mais e mais e fortalecendo seus laços com os africanos, ameaçando a relação satisfatória do Brasil com a Angola, o governo da China tem se firmado com uma relação de troca, financiando a reconstrução do país e sua economia, e em troca desse favor, lhe é favorecido recursos-naturais. (MEDEIROS, 2012).

No entanto, a China hoje dispõe de um poder sobre os africanos, frente a outros países que tentam forçar relações com a África pelos seguintes motivos: (1) é hoje uma potência emergente só que mais a frente que o Brasil por ser a 2º potência econômica Mundial. (2) Uma das cinco grandes potências que comanda o conselho de segurança da ONU (Organizações das Nações Unidas), no qual tem como estratégia o veto, que é usado para interferir em um projeto caso esse não lhe dizer respeito, podendo prejudicar os interesses do Brasil frente ao conselho de Segurança. (3) Pela China está hoje bem posicionada no cenário Mundial, tanto como uma potência econômica, tanto como uma potência militar, estando em 2º lugar entre países com maiores gastos militares.

Atualmente, a China é o segundo maior parceiro comercial do continente africano, ficando atrás somente dos Estados Unidos e da França. A China entrou nas brechas abertas pelos conflitos políticos e pelo estrito pragmatismo, a Angola é um exemplo disso, em que,

desde a década de 90, o governo chinês vem se tornando o maior parceiro comercial e investidor de políticas pública na reconstrução de estradas e ferrovias. A presença da China na África vem alterando a geopolítica do local, envolvendo o corpo diplomático dos dois países em fóruns de acordos comerciais, que creem em uma substancial e elevada margem de investimento.

2.2 OS PROBLEMAS DA COOPERAÇÃO ENTRE A CHINA E A ÁFRICA NA EXECUÇÃO DOS PROJETOS DE INTERCÂMBIO.

Como em todo processo de cooperação internacional, a má negociação dos programas de cooperação tendem a gerar pontos de convergências entre as partes cooperantes, e não foi diferente entre a China e a África, mesmo com tantos pontos positivos, ainda podemos observar que faltam algumas “amarrações”, mesmo que um país em desenvolvimento como a China, logre superar o desequilíbrio e a má convergência de visão, porém, um terceiro foco de problema pode comprometer o desenvolvimento dos projetos, e interferir na busca de resultados pretendidos entre os parceiros (CORRÊA,2010, pag. 212).

Um dos problemas mais visível e gritante quanto à cooperação da China na África são as despesas operacionais excessivas, ou seja, muitos dos projetos são monitorados por consultores externos, que deveria ser feito pelo setor competente da cooperação, sendo um problema questionado nos alinhamentos feito entre países, mas, no entanto, essas despesas excessivas somam 30% ou até mais do orçamento total dos projetos, que de fato, quanto mais se gasta com as despesas operacionais de administração, menos recursos chegam aos beneficiários no final, ficando visível essa realidade na África.

Mason (2006), menciona que não só a China, mas outros órgãos e agencias estrangeira, financiam projetos para a exterminação da pobreza e misérias em algumas áreas do continente africano, que com o levantamento dos dados e o monitoramento feito pela parte cedente, observa-se bilhões de dólares investidos em áreas que deveriam estar em processo de desenvolvimento como, por exemplo, a Somália e a região do Chifre, supondo-se que, uma boa parte nada desprezível não chegou efetivamente aos seus beneficiários, havendo sido gasta com consultorias externas, monitoramentos , carros de luxos para as equipes de gestão, etc. (CORRÊA,2010).

O Segundo problema consiste na falta de uma cultura de gestão para resultados, ou seja, uma adoção de processos baseados no conceito de gestão em resultados e a busca pelo mesmo, que levando para o caso da África, podem perceber um governo ainda franco e limitado a tamanhas perspectivas, tendo ainda países que não conseguiram sair da linha da miséria extrema, e uma longa barreira para se aplicar uma cultura de gestão, pelo fato de haver dificuldades que incluem mudanças sucessivas de autoridades, conflitos civis, fragilidade das instituições que não possuem um apoio político.

A escassez de recursos humanos qualificados, carências sociais e econômicas na maior parte do continente africano, tendo em vista também uma forte resistência em alguns países para a aceitação da cooperação chinesa em seu território, como no caso da Angola, no qual 60% da população ainda resistem à invasão dos chineses, justificando que os mesmos estão tomando as oportunidades de trabalho. (DINIZ, 2009, pag. 9).

A pouca atenção a análise de viabilidade vai um pouco além da relação sino- africana, a preocupação com essa viabilidade e a sustentabilidade do projeto que deveria ser de primeiro cunho nos acordos de cooperação tanto financeira como a não financeira. Corrêa (2010), argumenta em seu livro que na cooperação financeira, os projetos envolvem uma construção de infraestruturas de serviços públicos, setores econômicos específicos, impacto ambiental, indicadores de nível de vida, etc.

Como no caso dos empresários brasileiros, que tentaram uma cooperação técnica econômica, sofrendo os mesmos com os desníveis de infraestrutura para montar suas empresas, tornando-se inviáveis iniciativas de cooperação sob esses aspectos, não tendo analisado a viabilidade desse projeto em determinadas áreas da África. A análise da viabilidade poderia ser usada como importante instrumento da cooperação SUL/SUL de países em desenvolvimento, para medir o custo benefício entre diferentes opções de cooperação disponível no exterior.

Em 05 de novembro de 2006, a China se utiliza de um mecanismo importante para seu projeto de cooperação técnica com a África, realizando assim o maior evento diplomático da história da relação da África e da China em toda a história, tratando-se da primeira reunião da Cúpula do foro de Cooperação China-África (FOCAC), fomentando o instrumento de solidariedade e colaboração com o continente africano, intensificando os laços com os países africanos, em base de ganhos mútuos para ambos. Os compromissos ressaltados nessa cúpula foram o da não interferência em assuntos internos, não imposição de condicionalidades, o que natural em uma atuação das vertentes NORTE/SUL. A cúpula lançou uma parceria de “tipo

novo”, apoiando investimentos no continente, que pretendia se chegar a U\$\$ 100 bilhões, porém, com o decorrer da cena esse valor foi triplicado; e um aporte de cooperação técnica em diversas áreas, junto com o cancelamento da dívida africana. (VISENTINI,2003, pag.12).

Esse evento tomou grande destaque na mídia internacional, que se deparava com um fenômeno sem precedentes na história da África. Contudo, Vicentini (2014), Diniz (2009) e vários jornais de cunho internacionais, como o The New York Times, por exemplo, surge com afirmativas, que colocam o China como novo colonizar da África, e que a mesma estaria sendo partilhada entre os chineses, também se referindo a uma invasão da China. Entretanto, deve-se reconhecer os reais motivos dessa relação, a real visão chinesa com políticas centradas exclusivamente na exploração de matérias – primas, onde acreditam que poderá surgir uma relação desigual, levando a África a uma extrema dependência de Pequim. Mas, o foro também se apoiava em uma política mais ampla de fortalecimento das relações entre as partes.

O Resultado dessa cooperação se mostra com o fluxo comercial com altas taxas de crescimento desde 2000, e os investimentos chineses no continente se mostravam mais expressivos, indicando a força da relação sino – africana, deixava de se apoiar em questões ideológicas, para voltar-se a o intercâmbio comercial de bens e serviços, e realização de investimentos, sobretudo no setor de bens primários, que é a carga de desenvolvimento da economia chinesa, e o sucesso do seu crescimento. (MENEZES, 2013).

A crescente presença chinesa na África vem proporcionando novas dimensões ao continente “ esquecido “, principalmente em suas relações externas, utilizando de sua diplomacia a serviço da economia. A prioridade da China se baseia em um conjunto de estratégias e objetivos desenhados para servi ao projeto de desenvolvimento econômico e social do país. A China demonstra seu autopoder de inovar em seus paradigmas, lançando novas iniciativas mais construtivas sobre diversos temas e questões internacionais.

Entretanto, o ritmo desse projeto de desenvolvimento em atividade exportadora chinesa aumentou a pressão competitiva sobre as economias do centro e dos países tido como periferias. Essa distribuição mundial de oferta e os preços dos principais commodities gerou impacto sobre a economia global, em que as importações chinesas apresentaram um enorme crescimento.

Menezes (2013) afirma que: “Ao mesmo tempo, a China vem intensificando, progressivamente, suas relações com os países de maior peso internacional, aumentando os intercâmbios com seus vizinhos asiáticos e abrindo novas frentes de relacionamento em regiões

como a África, a América Latina e o caribe, no qual contavam relativamente com menos atenção por parte da diplomacia chinesa durante a liderança de Mao Tsé-tung.”. Analisando assim, um novo cenário da política chinesa, vinculada aos processos de abertura de novos mercados e investimentos, aproveitando-se da realidade da globalização. Caracterizando a política externa chinesa nas últimas três décadas.

3. A CHINA NA ÁFRICA COMO UMA POLÍTICA DE SUSTENTABILIDADE A LONGO PRAZO.

3.1 SUSTENTABILIDADE DA POLÍTICA CHINESA PARA A ÁFRICA.

As relações entre a China e a África se firmaram a parti do final dos anos 1990, sobretudo após a criação do FOCAC (Fórum on China- África cooperation), no qual, começou a desenvolver iniciativas entre o governo chinês e o continente africano. O processo de aproximação entre os dois países, diz respeito a uma sustentabilidade de longo prazo na nova política de Pequim. (MENEZES, 2013, pag. 206). A nova política implementada pela China, faz jus a uma diplomacia econômica, cooperação, juntando iniciativas de Soft Power.

O mundo está, portanto, acompanhando com a máxima atenção a reinserção africana na política internacional. Senhora de recursos minerais globais, a África é fonte de cobiça por cerca de 66% do diamante do mundo, 58% do ouro, 45% do cobalto, 17% do manganês, 15% da bauxita, 15% do zinco e 10% a 15% do petróleo. São aproximadamente 30 os recursos minerais do mundo que a África guarda em seu subsolo. Mas só participa de 2% do comércio mundial e possui apenas 1% da produção industrial global. Há, portanto, um enorme desafio de elevação desses itens. (SARAIVA, 2008).

Nesse contexto formado atualmente, a África com seu elevado crescimento econômico, permitindo tirar uma boa parcela da população da pobreza extrema, além de se criar emprego e renda para essas famílias e a população jovem, que a cada ano começa a ingressar no mercado de trabalho, forma um cenário de “ estabilidade “ até certo ponto, social e política no país. Tanto a África como a China se insere no jogo internacional como dois países em desenvolvimento, tendo em vista que os duas mantêm renda per capita ainda baixa.

A china e a África [...] encontra-se igualmente em fase de expansão do aproveitamento de seu potencial, após décadas de crises econômicas (China), e política/social (África), com longo períodos de instabilidade interna. (MENEZES, 2013, pag. 208).

É de fato, bastante interessante para o continente africano manter uma relação durável e de longo prazo com a China, dado o balanço positivo que essa integração dos dois países, em vários episódios de cooperação técnica, econômica, comercial e tecnológica. Embora haja diferença entre os benéficos de ganhos auferidos de cada uma, a China se coloca como uma “ fonte alternativa de recursos financeiros”³, assim como a África é o refúgio de suprimentos naturais para a China.

O continente africano assiste transição positiva para um novo patamar de inserção internacional no início do novo século. Três conceitos centrais alimentam o exame dessa hipótese: a) o avanço gradual dos processos de democratização dos regimes políticos e a contenção dos conflitos armados; b) o crescimento econômico associado a performances macroeconômicas satisfatórias e alicerçadas na responsabilidade fiscal e preocupação social; e c) a elevação da autoconfiança das elites por meio de novas formas de renascimentos culturais e políticos. (SARAIVA, 2008, pág. 4).

Complementando as hipóteses de Saraiva, Menezes (2013), afirma que a China contribui, dessa maneira, para a revalorização do continente africano, dado o dinamismo dos intercâmbios promovidos para o continente. Ou seja, a China se coloca como ajudadora da África, a superar o “ afro pessimismo”⁴, mostrando que há alternativas para o progresso dos países africanos. A ajuda da China tem levantado receio e preocupações entre as ex- potências colonizadoras, que vem seus interesses sob influência constante dos novos padrões chineses.

A África subsaariana, ou África negra, considerada a região mais pobre do mundo, cresce entre 5% e 6% ao ano desde 2003. Adaptações macroeconômicas à globalização moveram as economias de todo o continente para equilíbrios na área da gestão dos negócios dos Estados. (SARAIVA,2008, pag. 5).

A preocupação dos antigos colonizadores só levam a reconhecimento das manobras políticas da China no cenário internacional. Após dez anos do lançamento do FOCAC, afirmando o que foi dito por MEDEIROS (2009), no terceiro capítulo, MENEZES (2013) também menciona outros ramos de cooperação, ou seja, os níveis de cooperação chinesa

³ Opção apresentada por Menezes, em seu livro sobre as Relações Sino- africanas, desenvolvimentos e implicações para o Brasil, 2013. Definindo assim o papel de cada uma na integração entre os dois países.

⁴Termo utilizado por Menezes (2013) idem', designando que a raça sempre foi um divisor de águas quanto o progresso e atraso do continente africano frente o século XIX.

foram se tornando mais ampla, saindo da cooperação econômica – comercial, abrangendo atualmente novas áreas de enfoque como a cooperação na educação, agricultura, medicina, qualificação de recursos humanos, envolvendo não somente os segmentos governamentais, como também as empresas privadas e a sociedade civil como um todo.

Há razão para o otimismo em toda a região da África, animando a confiança dos mercados e investidores externos. Saraiva (2008), complementa que na África, os investimentos internos equivalem a 19,4% do PIB, percentual muito próximo do Brasil, embora considerado baixo para a sustentabilidade do crescimento econômico. O vetor da elevação do crescimento interno é visível desde 2002 e tende a crescer nos próximos anos. Há preocupações, no entanto, no campo social, que variam de país a país, por meio de políticas de construção de metas de redução da pobreza. Mas há, sobretudo, o sentimento de que nos últimos sete anos, justamente os primeiros do novo século, a África vem superando o drama histórico das guerras internas e internacionais.

A institucionalização da cooperação sino- africana por meio da FOCAC, é um elemento forte de continuidade da elevação do crescimento e do aprofundamento das relações entre a China e a África. As reuniões são administradas por chefes de estado e governo, seguindo em os encontros o plano de metas, contendo as principais iniciativas e compromissos assumidos nas diferentes áreas de atuação da cooperação.

O FOCAC, em seus dez anos de existência, apresentou uma linha de continuidade de trabalho condizente com a importância e prioridade que ambas as partes atribuem ao mecanismo. [...] FOCAC é, entretanto, instrumento relevante por sua capacidade de sintetizar as relações de cooperação entre uma potência emergente, de um lado, e um conjunto de quase cinquenta países de outro. (MENEZES, 2013, pag. 210- 211).

Contudo, o fator central das relações sino- africana é a complementariedade econômica- comercial entre as duas partes, mesmo com a diversificação da cooperação em seu diálogo político. A importância dessa relação comercial – econômica como fenômeno que tende a ampliar-se e perpetua-se no longo prazo está ligada, a continuidade do crescimento da economia chinesa, e do outro lado, ao enorme potencial de crescimento das econômicas africanas, pela exploração de seus recursos naturais ricos e a formação de centro consumidores. Entretanto, esses centros consumidores é formado por um grupo de países que faz parte do processo de exportação, não abrangendo a todos.

Cinco décadas de independência africana, a mesma passa por uma análise de seus desafios e a sua nova partilha na construção da nova ordem mundial⁵ administrada pela China. Logicamente, faz surgir novas perspectivas quanto a sua manobra política nunca ocorrida na história internacional de antes. Pode-se dizer que a África caminha mais autoconfiante nos dias que nos seguem, iniciativas políticas e culturais convocam a comunidade internacional para o compartilhar do renascimento africano, embora não mais aquele das independências em fins dos anos 1950 e início da década de 1960, povoada por rancores anti-coloniais, romantismos revolucionários e jargões de libertadores ingênuos. (SARAIVA, 2008, pag. 8).

Hoje, a comunidade internacional não prevê mais a África como o continente sem esperanças⁶. Ela se reposiciona na economia mundial, demonstrando dado e taxas de crescimento bem acima das observadas nas nações em desenvolvimento. Os BRICS também foi uma locomotiva do desenvolvimento das nações africanas, haja vista que a África deu início a uma estreita relação com novos parceiros, se destacando a China como principal parceiro comercial⁷. Há uma valorização da política econômica do continente africano.

3.2. AS ALTERAÇÕES NO CENÁRIO AFRICANO.

É fato que, o cenário africano vem se alterando em razão das renovadas relações com a China. Os fatos dessa alteração ficam inegável ao ver os dados encontrado dos diferentes campos de desenvolvimento com sucesso. Nesse sentido, como aponta Raine apud Menezes (2013), a atuação da RPC na África traz lições para terceiras partes envolvidas no continente, e as consequências da nova parceria sino – africana podem ser avaliadas não somente em termos das interações, como também das mudanças no ambiente local, na qual outros países e instituições interagem.⁸

A China é um novo autor significativo no novo contexto africano, ampliando e intensificando cada vez mais sua presença, como foi mencionado no segundo capítulo. A

⁵ Referência feita em todos os artigos lido para a confecção deste trabalho, em que basicamente, todo os autores afirmam que a China está manobrando essa suposta nova ordem mundial pautada na esfera de interdependência externa na paz e não intervenção.

⁶ Revista de Agronegócios, fevereiro de 2012.

⁷ Idem.

⁸ RAINE, 2009, pag. 198.

primeira vista, vemos uma alteração nos campos de investimentos, indicam por parte dos países em desenvolvimento que, no plano doméstico, se encontra em fase de construção de sua própria infraestrutura, ou seja, a magnitude de tais operações representa algo novo no cenário africano.

As concessões de crédito também contribuiu para uma “alteração do cenário africano”, principalmente no tocante a exportação e seus efeitos benéficos para a África, que concede empréstimos a condições vantajosas, sem imposição de condicionantes não intervenção dos assuntos internos, resultante do relacionamento com a China, que modifica a atuação e as políticas praticadas pelos países africanos com seus parceiros tradicionais - principalmente. (LYRIO, 2012).

Ao oferecer aos países africanos créditos e cooperação sem as condicionalidades que impõe as potências ocidentais, a China se coloca como uma alternativa vantajosa e atraente para os africanos. (ROCHA, 2013, pag. 215).

Outra mudança de paradigma na África é a atuação dos empresários e trabalhadores chineses que migraram para a lá, se estabelecendo, e até substituindo mão de obra africana pela chinesa. É de conhecimento das autoridades chinesas a respeito das práticas de “troca” entre chineses e africanos no setor industrial e empresarial. Esse é outro setor de mudanças consideradas drásticas, por haver desproporcionalidade de trabalhadores chineses dando prejuízos a mão de obra local, desfavorecendo empresas próprias africanas de atuação naquele mercado.

“Cerca de 80.000 chineses vivem e trabalham hoje na África. Deverá ser criado em breve o departamento de língua Mandarim na Universidade de Harvard do Zimbábue.” (Mason, 2009). Saraiva (2008), aponta que por outro lado, seria inocência e irresponsabilidade política imaginar que o destino africano pertence, de forma exclusiva, à esfera da autonomia de seus líderes nacionais. Há um novo mapa africano, porém não aquele desenhado pelos colonizadores de antes, mas não menos inquietante, as autoridades chinesas, norte-americanas, brasileiras, agentes de empresas multinacionais e organizações não governamentais atuam com forte presença em alguns países da África.

Em resposta a esse novo mapa africano e a presença chinesa na região, outros países vem tentando incrementar e intensificar mecanismos de cooperação. Robert Rotberg⁹ apud Menezes, aponta a Índia e o Japão como principais competidores em pé de igualdade com a China na África. Menezes (2013), afirma que a China estaria contribuindo não apenas para o redesenho do mapa político do continente africano, como também dando valor a ele por meio de seus processos de cooperação com efeitos positivos, levando o continente a superar vários de seus problemas, principalmente a falta de estrutura e o desenvolvimento tecnológico.

O FMI identifica que o crescimento econômico registrado pela África ao longo da última década é devido, em parte, ao aumento da demanda de produtos africanos por parte da RPC. (MEDEIROS,2009).

Broadman¹⁰ apud Menezes, atesta que o Banco Mundial, por sua vez, também confirma que os negócios entre a China e a África tem dado “grande impulso” ao continente, e o processo de aumento do comércio sino- africano representa benefícios significativos para ambos os lados no longo prazo. O continente africano se coloca, em grande medida, na vantagem no superciclo da economia mundial com sua exportação de matérias primas, que registra altas demandas por seus produtos. Um dos aspectos desse ciclo é que o preço dos produtos primários da África vem sendo influenciados para cima, verdadeiramente pela demanda líquida que a China gera, e a crescente dependência de outras economias em relação ao comércio de commodities.

Nesse sentido, a sustentabilidade das políticas sino –africanas se dá aos investimentos chineses em primeiro lugar, que deverá promover progressivamente a criação de pequenas empresas na África e novas oportunidades de emprego. E em segundo plano, o PIB africano poderá crescer muito mais do que 6% ao ano, se eles se posicionarem e organizarem suas políticas públicas, promovendo a emancipação da pobreza extrema, utilizando os recursos dessa cooperação como fonte de desenvolvimento de sua sociedade. Se não arrumarem a casa primeiro, como vão saber administrar nos organismos internacionais?

A China nesse contexto deve ser entendida a partir dos avanços de globalização, passando a ser vista como um Estado inovador, não só nas suas indústrias, como também pelo

⁹ ROTBERG, 2009, pag. 3

¹⁰ BROADMAN, 2007

corpo econômico nacional, motor de uma unidade maior e complexa formada pela economia asiática. A sustentabilidade e as mudanças no cenário africano se dão a partir de uma construção estratégica que a China criou com a África. “ O centro de gravidade do crescimento econômico mundial vem se deslocando para a Ásia, e mais concretamente para a China. “(Oliveira apud Menezes)¹¹.

Em Resumo, o desenvolvimento econômico alcançado pela África nos últimos anos, direta ou indiretamente, decorre em princípio das novas relações com a China, colocando o continente africano em posição melhor para poder participar da econômica internacional, ampliar seu comércio com outras regiões e países, captar investimento de terceiros numa base mais sólida, formando um, ciclo virtuoso de crescimento econômico e social para o continente.

¹¹Oliveira, Amaury de. A China constrói uma parceria estratégica com a África.2008.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo visa analisar e compreender a situação atual da China na África, e a realidade desta situação no cenário político / econômico internacional. Em relação aos objetivos, a pesquisa foi de cunho explanatório, e teve por finalidades os principais métodos de coletas de dados, através da revisão de obras de diversos autores que tratam desse tema, proporcionando maior familiaridade com o problema decorrido, tendo em vista torna-lo explícito ou de construir hipótese a parti do tema proposto. Nessa pesquisa, se inclui um levantamento bibliográfico, estudo de caso e análises de exemplos de sistemas de cooperação entre a China e a África.

O referido trabalho visa evidenciar a crescente importância da presença chinesa no continente africano. A economia – mundo vem sendo altamente impactada pelo ressurgimento da China, na qual não atinge só o continente africano, como também outras regiões do mundo. O trabalho buscou abordar o relacionamento econômico e político entre a China e a África desde o seu processo o seu processo de ressurgimento e abertura do seu comercio em 1978. Também deixando claro o seu processo histórico para se entender melhor a ascensão e queda do império.

A China tem adquirido atualmente participação e/ou controle em fontes de recursos naturais e energéticos em várias partes do mundo. Pode-se observar o crescimento chinês acelerado nas últimas décadas, com o intuito de promover uma política ativa de consolidação de suas indústrias. Nesse sentido, a China é, hoje, uma verdadeira potência com novas necessidades e demandas com maior participação no ambiente internacional.

O panorama sobre a relação e aproximação da China e da África vem desde 1949, onde, a China adota uma política de aproximação com os países africanos, inicialmente por motivos políticos e mais a frente por questões restritamente econômicas. A África desde então se tornou um dos principais focos da política de “parceria estratégica” chinesa, que desde então começou a fortalecer seus laços, firmando acordos não só econômicos e comerciais, mas também de cooperação técnica, política e militar.

Nesse sentido, essas transformações quanto à política externa chinesa, tem criado condições objetivas ao país para reocupar seu status de potência mundial, com uma diplomacia voltada aos países em desenvolvimento, tendo como destaque o continente africano. Entretanto, o crescimento da África pode ser notado a parti do aumento das exportações e importações das regiões específicas vulgo, Nigéria, Angola e Líbia. Alguns estudiosos acreditam que é o momento da África recuperar o terreno no qual foi explorado por longo período pelos colonizadores.

Quando se coloca em perspectiva a relação da China com a África, também é colocada em pauta a preocupação do ocidente em qualificar esse tipo de relacionamento. Apesar dessa preocupação do ocidente com a presença chinesa na África, onde mencionam um novo tipo de colonização ou “novo colonialismo”, a inserção desse país no continente é resultado também de um período de vácuo causado pelo ostracismo em que foi submetida à África. Ou seja, a China começou a se tornar mais importante economicamente para muitos países africanos, simplesmente porque países ocidentais deixaram de investir.

A novíssima China como é colocada por alguns autores, com sua ambição em torna-se potência mundial, sendo atualmente a segunda potência econômica mundial, fez com que este país recorresse à cooperação internacional, em sentido de ação conjunta para alcançarem um objetivo em comum, que neste caso é o desenvolvimento. A república da China deixa clara sua posição como parceira e não como explorador como alguns a acusa, e não dita regras do relacionamento.

O processo de reconfiguração da infraestrutura e serviços básicos, aumentando sua influência em países que, em troca, fecham acordos com empresas chinesas para se tornar fornecedoras de recursos naturais, é um dos pontos que podem ser considerados positivos nesse processo de cooperação. A Atuação vai desde diversos projetos de iniciativas como obras de infraestrutura, investimentos em petróleo e outras fontes de energia, bolsas de estudo, programa de cooperação militar, extração de recursos naturais, demanda por mercados consumidores, além de outros setores como saúde, educação e cultura, junto com os investimento e fornecimento de dinheiro para esse continente.

Em suma, o presente trabalho teve a atenção de observar o planejamento estratégico de todo essa política de sustentabilidade do perfil Chinês com o continente africano. Nessa medida, a diplomacia chinesa na África tem dois objetivos principais:

Em curto prazo, garantir sua fonte de reabastecimento para alimentar sua demanda crescente; e em longo prazo, posicionar a China como global player no mercado internacional do petróleo, porém, sem deixar de manter um relacionamento de ganha – ganha em ambos os lados, se favorecendo, como também favorecendo o continente africano que estava em situação de atraso e desvalorizado no cenário internacional, tendo em vista que sempre foi considerado o continente sem esperanças, atraindo poucos olhares para si.

O trabalho buscou trazer uma compreensão das relações entre a China e a África dentro da perspectiva econômica, política e social. Nesse sentido, são claro os bons resultados conjunturais de algumas economias africanas, principalmente as dotadas de recursos naturais, relocando assim as economias locais exatamente onde se encontravam há trinta anos. Hoje a África se apresenta como uma terra chamativa, renovada e lucrativa para velhos e novos competidores no mercado mundial, tendo-se hoje uma corrida mundial pela busca de petróleo e recursos naturais.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Márcio Lopes. **Prática Comentada de Cooperação Internacional**. Brasília: [s.n.], 2010.

_____. **A África na ordem internacional do século XXI; Mudanças epidérmicas ou ensaios de autonomia decisórias**. SARAIVA, José Flavio Sombra. 2008. In: Revista Brasileira de Política Internacional. Volume 51, n 1.

_____. A ascensão da China a condição de potência econômica; há algo de novo no modelo asiático? 2008. In: Anais do XIII Encontro Nacional de Economia Política. João Pessoa.

KENNEDY, Paul. **The Rise and Fall of the Great Powers**. Londres, Unwin Hyman, 1988, pg 539.

LYRIO, Mauricio Carvalho. **A Ascensão da China como potência: Fundamentos políticos internos**. Brasília: FUNAG, 2010.

MENEZES, Gustavo Rocha. **As Novas Relações Sino-Africanas: Desenvolvimento e implicações para o Brasil**. Brasília: FUNAG, 2013.